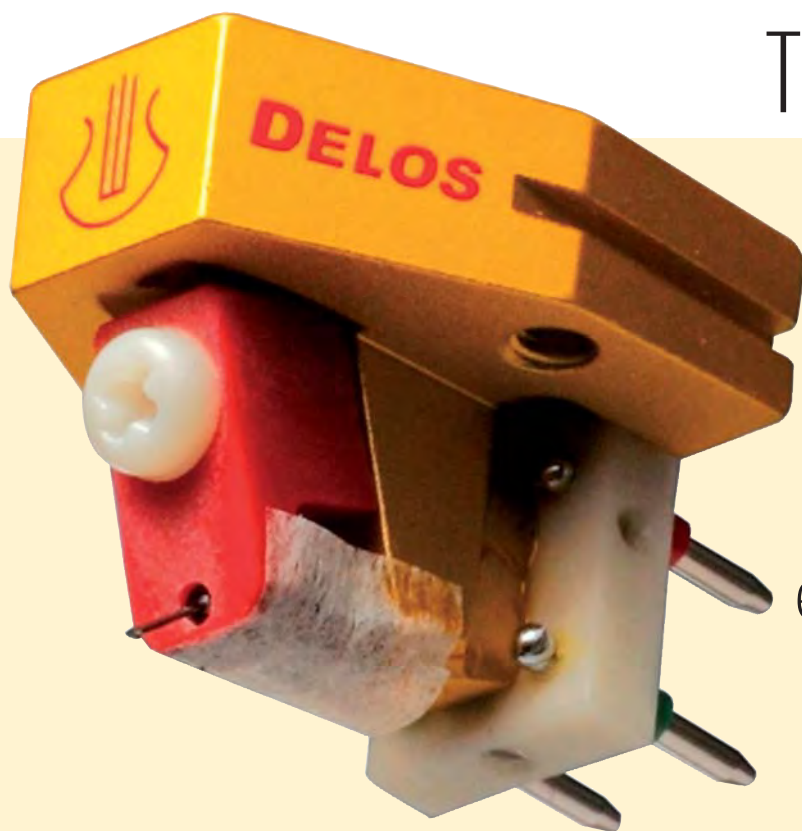


Lyra Delos TIRA-LA-LYRA...



Não sou um vinilófilo fundamentalista e sempre recei aventureiras com células, invariavelmente caríssimas, minúsculas e ultra-sensíveis. Desta vez cedi, contudo. Mal adivinhava a surpresa que me esperava!

Que me perdoem os vinilófilos mais experientes, detentores de coisas absurdamente frágeis e caras, como Koetsus, Cardas, Benzes, Nagaokas, Sumikos, Crearaudios, Lyras, etc. e tal, por me atrever a entrar no vosso domínio, tão exclusivo. Mas, tirando-vos o chapéu, cá vou. Com licença...

A minha experiência com células não é vasta, como já dei a entender. A minha primeira «senhora» a sério foi uma Ortofon MC30 (ainda nem havia CD's!), montada num Rega RB300, num Thorens 321. Depois mudei para um Linn/Lingo/Ittok LVIII que ainda «funcemina» em perfeitas condições em minha casa, apesar de já terem passado uns 15 anos. Na altura instalei-lhe a mesma MC30 e (agarrem-se aos chapéus os puristas) não dei por grandes diferenças na qualidade do som. Ou o Linn é mais farronca que outra coisa (o que não me admira, dado ser produto de anglo-saxónicos) ou o Thorens era muito subestimado.

Lembro-me de, na altura ter preferido o Ittok III (última geração) ao Ekos, não só porque este custava muito mais (mais

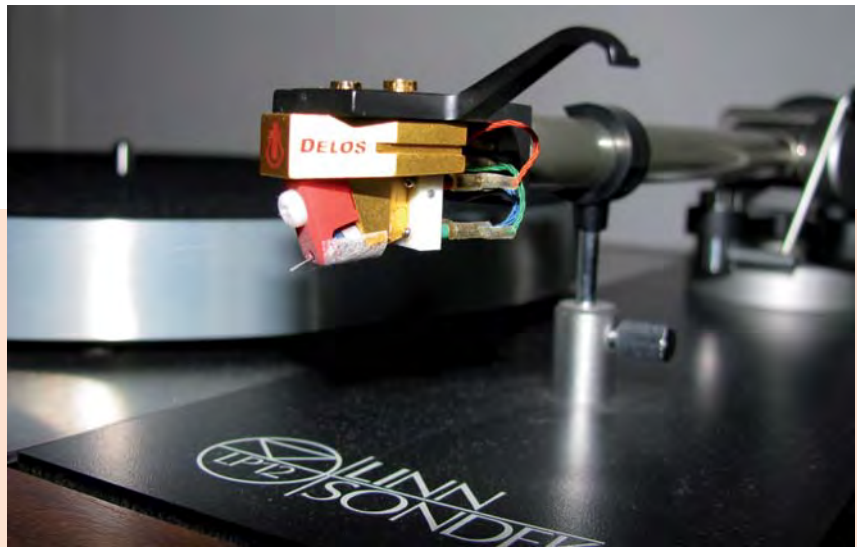
farronca?), como por, tendo experimentado os dois, «ter preferido o Ittok» por várias razões, sendo que, para além das sonoras, não era despreciando o facto de que, enquanto no Ittok se pode montar qualquer célula, no Ekos praticamente só se podiam montar as da Linn, que não me interessavam de todo.

A favor do Linn tenho a dizer que, apesar dos seus 15 anos, nunca teve uma avaria, nunca foi substituída nenhuma peça (nem sequer a correia de transmissão), e nunca me pareceu desafinado, já que quando solicitado pelo tal impulso vertical no prato mais ou menos sobre o centro de gravidade do conjunto suspenso, apesar de abanar um bocado, termina sempre num micromovimento pistónico reconfortante. Isto deverá deixar ficar atónitos ou incrédulos aqueles que afirmam que o Linn tem de ser afinado todos os meses ou coisa que o valha, como os Alfa-Romeos dos anos 70. Pois que fiquem.

Depois da MC30 chegou coisa muito mais fina, ainda nos gloriosos tempos da revista *Hi-Fi*: uma Ortofon MC3000.

Muito doce, transparente e reveladora, permitiu-me ouvir coisas que nem suspeitava estarem nas espiras dos meus LP's. Conseguia separar e entretecer sem as confundir as linhas melódicas das peças musicais, num macramé delicioso. Mas é preciso dar-lhe atenção, que não é «menina» para se impor e chamar-nos quando estamos distraídos. De facto, os seus 0,125 milivolts fazem um som um pouco anémico, sem grandes ataques nem dinâmicas. Isso mesmo tendo em conta que tenho aquilo que considero uma das melhores «RIAA's» até hoje fabricadas, a Rotel RHQ-10 Michi. Apesar de esta permitir várias configurações, para a MC3000 só haviam duas opções. Ou os 0,3 mV de sensibilidade nominal, o que levava à referida anemia ou, mudando a posição de uma resistência, passar para uma configuração supersensível (0,08 mV) que, apesar de proporcionar muito mais vivacidade à música também provocava *clipping* nalguns fortíssimos, especialmente quando de notas agudas e fortes num piano. Claro que, não querendo arriscar-me a ver arder os meus *tweeters*, lá tive de me contentar com a anemia.

A certa altura passou pela minha vida, de forma breve, uma Audio Technica ATF5-OCC. Muito mais viva e dinâmica que a MC3000, era também muito mais agreste e ácida que a dita, se bem que, numa análise retrospectiva mais madura, admito não a ter deixado rodar ou acamar o tempo suficiente. É que apareceu um amigo que queria de tal forma a AT que acabei por lhe ceder. Ele ficou deliciado. Confessou-me mais tarde que também a achou um pouco impertinente nos agudos, mas que, tendo baixado um pouco a altura do pilar do braço (o que reduz o *tracking angle* e atenua os agudos), as coisas ficaram perfeitas. Além disso a célula não estava bem rodada, coisa de extrema importância, como verifiquei com a actual Lyra Delos.



Depois passaram-se vários anos em que os CD's e os respectivos sistemas de leitura evoluíram a ponto de eu quase deixar de ouvir LP's. De quando em quando, só para ver se o Linn ainda funcionava, lá punha um LPzito. Invariavelmente sentia-me muito agradado com o som, até sentir um certo torpor (diagnosticado como «chatice aguda»), já que carecia dos ataques, das dinâmicas, dos graves e da sensação de realismo e presença a que estava habituado nos CD's.

Recentemente, desconfiando que a MC3000 já sofria de reumático devido à idade, decidi procurar outra célula. O caderno de encargos que estabeleci para mim próprio era quase impossível. Tinha de ter só um pouco menos da qualidade a que estava habituado na MC3000, não estava disposto a gastar muito dinheiro já que considerava o LP como fonte de segunda escolha e tinha de ter uma tensão de saída claramente acima dos 0,3 mV para que eu não adormecesse a ouvi-la.

Ainda pensei nas Kontrapunkt da Ortofon, mas o preço era elevado e não tinha a oportunidade de as experimentar para ver se valiam o dito. E comprar coisas por preços loucos sem ouvir... está quieto ó mau!

A certa altura sugeriram-me uma Denon DL304. Fui ver... O aspecto era lindo, as *reviews* e as opiniões dos utilizadores todas favoráveis, o preço razoável e pumba... comprei sem ouvir! Bom, não a achei nada de especial e fiquei com menos uns (largos) trocados no bolso.

Entretanto surgiu-me o prévio Esoteric C-03 para teste, que foi de tal forma uma

revelação que acabei por ficar com um. Como tem um muito maior poder de resolução que o prévio que veio substituir, verifiquei que, apesar de a 304 ser claramente inferior à Ortofon (lógico, claro...), permitia-me ouvir mais coisas e com mais precisão que aquelas que estava habituado a ouvir com a MC3000. Isso levou-me a concluir que era afinal o Rotel Michi que tinha muito mais para dar que aquilo de que eu até então tinha usufruído, e que agora era revelado pela transparência cristalina do C-03!

Por isso, quando a Ajasom me propôs experimentar uma célula de pré-produção da Lyra, a nova Delos, nem hesitei. Foi logo!

E assim se encerram os antecedentes.

A Lyra Delos

Nunca tinha dado grande atenção à Lyra, especialmente devido aos preços quase obscenos das mesmas. Na verdade, essa obscenidade prolonga-se afinal pelas melhores MC's da Ortofon e é mesmo exacerbada por certas marcas que o decoro me impede de mencionar.

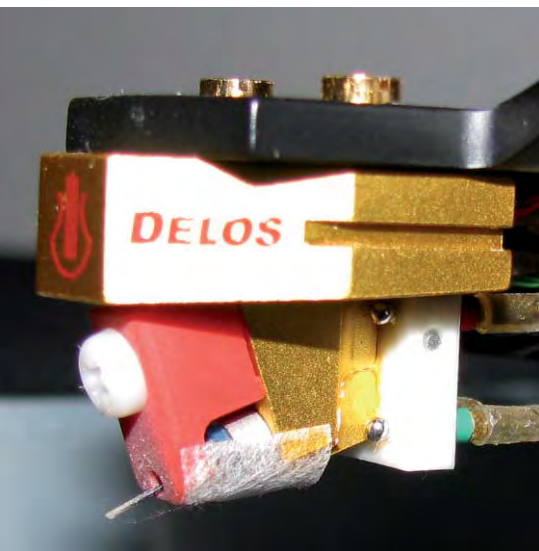
Lembro-me de andar a fazer contas para ver quais as células que mais se adequavam ao meu Ittok, e verificar que a Lyra Clavis, que não era das mais exorbitantes no preço, era uma delas. De facto, convém não esquecer que existe uma compatibilidade mecânica bem determinada que deve ser tida em conta quando se escolhe uma célula para um braço.

No fundo é uma receita simples. Peguem na «massa efectiva» do braço (dado do cons-

trutor, que tem mais a ver com o momento de inércia que com o «peso» do mesmo), somem-lhe o peso da célula e misturem bem. Multipliquem o resultado pela elasticidade da célula (*compliance*, dado do fabricante da célula) cuja haste, com a agulha na ponta, não é mais que uma mola encastrada. Depois extraiam a raiz quadrada ao resultado (aos que terminaram o liceu até para aí 1980 não deverá ser difícil, para os restantes introduzam o número na máquina de calcular e carreguem naquele botãozinho que tem uma espécie de «V» com a perna esquerda pequenina e a direita muito mais alta e a acabar numa espécie de telheiro...). Multipliquem o valor que obtido por 6,28. Reservem.

Depois arranjem um traço de fracção bem direitinho. Coloquem 1000 no numerador (em cima) e o valor reservado no denominador (em baixo). Dividam (cabeça, caneta ou máquina de calcular, à escolha). Se o resultado estiver entre, mais ou menos, 10 e 14, é óptimo, se se desviar muito escolham outra célula. É que este valor é a frequência de ressonância do conjunto célula/braço, dado em Hz. Se for muito abaixo de 10 as eventuais deformações dos LP's excitam o sistema, se for muito acima, aproxima-o perigosamente dos célebres 20 Hz que são supostos pertencer ao domínio do audível (no fundo é a frequência de tiro de uma metralhadora MG43 da Segunda Guerra Mundial!).

Claro que isto é para os puristas, já que pouca gente tem discos deformados a 6 ou 7 Hz nem há sistemas que consigam baixar aos 20 Hz a não ser com uma atenuação tal que só as baleias os ouvem!



Não consegui, até ao momento em que escrevo isto, conhecer as especificações da Delos, a não ser que o potencial nominal do sinal produzido tem o robusto valor de 0,5 mV. Posso garantir, contudo, que não se nota nenhuma incompatibilidade com o Ittok, pela simples razão que a qualidade do som produzido está muito para além daquilo que me era permitido imaginar.

A Delos tem ainda uma característica novel, a qual, se é a responsável pela extraordinária qualidade do som, vai ser muito rapidamente imitada pelos outros fabricantes, já que não é mais que um ovo do Colombo.

Com efeito uma *moving coil* tem as quatro bobinas onde é gerado o sinal colocadas numa armadura em forma de cruz que é solidária com a haste. Isto é, de um lado está a agulha, do outro estão as bobinas. Essa armadura deverá ficar paralela às faces do magneto anterior e do magneto posterior, que são os que induzem o sinal nas bobinas quando estas são agitadas pela haste da agulha. Só que os construtores de células fabricam-nas de forma a que esse paralelismo se dê quando a célula está no ar, não apoiada no disco. Quando se assenta a agulha no disco, a elasticidade da «mola» faz com que a armadura se desvie do paralelismo, deixando as linhas de fluxo que a atravessam de ser paralelas umas às outras, isto é, provocando uma deformação da densidade do fluxo.

O que a Lyra se lembrou de fazer com a Delos é algo que já é praticado na construção civil desde que existe o betão armado. Em vez de pôr a armadura paralela

quando em repouso, introduziu-lhe uma espécie de pré-esforço que a desvia do paralelismo, desvio esse que fica corrigido quando a agulha assenta no disco (com a força de apoio recomendada, claro, ou seja, 1,8 gramas). E ficamos no melhor dos mundos.

E como soa a Delos?

Mais uma vez vou ter, aqui, de pedir clemência aos vinilófilos possuidores dessas células raras e caras que aparecem um pouco por todo o lado.

É que os primeiros sons que ouvi produzidos pela Lyra deixaram-me arrepiado e siderado de espanto e entusiasmo (quase posso entrever os sorrisos paternalistas e condescendentes dos vinilófilos). Mas a clareza, a luz, a rapidez fulgurante dos ataques, o recorte impecável dos sons, os timbres, as incríveis dinâmicas, induziram-me num entusiasmo juvenil, como se estivesse a ouvir algo de mágico pela primeira vez. Era um som que me parecia combinar o melhor dos sons dos melhores leitores de CD's, com a fluência e a lisura dos melhores sons analógicos

De tal forma que comecei a gritar às pessoas... «venham ouvir, venham ouvir, é a melhor fonte de sinal que eu ouvi desde nunca...»

Claro que, como todas as paixões, o entusiasmo foi-se normalizando com o tempo. Estive uma semana a ouvir exclusivamente LP's (a uma média de três ou quatro por dia) e a descobrir coisas que nem conseguia imaginar estarem nos discos.

Para já os meus discos quase não produzem ruído de fundo (e tenho discos com mais de 45 anos!). Suponho que se deve ao facto de a agulha da Delos percorrer uma zona da face das espiras nunca dantes navegada por outras células (ah grande Camões!).

Quando vinham os *tutti* ou *fortissimi*, sobretudo naquelas gravações feitas com *spot miking*, isto é, com vários microfones colocados junto a grupos de instrumentos e uma mesa de mistura, a imagem sonora era hiper-real porque se ouviam os instrumentos todos separadamente, com uma intensidade quase ensurdecadora mas sem o mais pequeno sinal de esforço, de compressão, de congestão. Era tudo fácil e eu olhava repetidamente para a célula, incrédulo... Como era possível que uma coisa

tão pequena produzisse um som tão hiper-real, tão grande, tão cheio...

Todo o processo de rodagem da célula foi também curioso. Inicialmente a extraordinária vivacidade, uma luz ofuscante, especialmente nos agudos. Depois houve momentos em que senti que, especialmente em certas notas altas dos sopranos, aparecia como que uma vibração espúria. Pensei que talvez a célula estivesse a introduzir mais energia no braço do que ele conseguia escoar mecanicamente, devolvendo parte à célula. Para simular um VTA menor (ou uma redução da altura do pilar do braço) aumentei a força de apoio para 2 gramas. A vibração desapareceu, mas com ela toda a vivacidade do som. Espantosa a sensibilidade do sistema!

Regressei aos 1,8 gramas recomendados e, ao fim de alguns dias o som estava perfeitamente domesticado, limpo e lavado. Curiosamente, o que ganhou em limpeza perdeu um pouco naquela vivacidade original, aqueles hiperagudos limpos e cristalinos mas talvez algo exagerados.

Neste momento a Lyra Delos oferece-me um som que está ao nível dos melhores leitores de CD's (exceptuando a gama dinâmica que, como sabem, no LP é limitada e inferior uns bons 20 dB à dos CD's). A transparência é cristalina. Os ataques e fins das notas são tão recortados que são mais que reais, tal como os timbres. A audição é relaxada, confiante, confortável porque se sabe que mesmo nos *fortissimi* mais ensurdecadores não temos de nos franzir todos para aguentar a aspereza ou a distorção que às vezes vem com eles. Simplesmente porque estão ausentes.

Talvez pensem que estou a exagerar, sobretudo os já referidos vinilófilos donos de células especiais de corrida que custam quase o preço de uma vivenda na Quinta da Marinha.

Pois que pensem. A mim que me importa? Já encontrei o meu Nirvana e uma coisa garanto: ninguém tira a Delos da minha casa ou, como dizia o palerma da American Rifle Association: *Out of my cold dead hands!*

Preço: 1200 €

Representante: Ajasom

Telefone: 21 474 87 09

Internet: www.ajasom.net